

As memórias de Tamara Fiol

Adriana Binati Martinez¹

Resumo: O presente trabalho propõe uma interpretação das memórias de Tamara Fiol no romance *Confesiones de Tamara Fiol* (2009), do escritor peruano Miguel Gutiérrez. Nessa trama, o discurso da memória realizado pela protagonista é mediado pelo narrador Morgan Scott Bartres, um jornalista estrangeiro, enviado ao Peru no início da década de 1990, para cobrir o conflito armado interno (1980-2000). Em sua investigação de repórter de guerra, Morgan entrecruza as memórias de Tamara com as próprias, entrevista outros personagens, criando, dessa forma, uma escrita que se configura desde o individual e o coletivo, o político e o histórico. De modo geral, compreendemos que os sentidos atribuídos aos tempos passado e presente nesse romance são construções discursivas que interpelam a violência de ordem político-social e os sujeitos que habitam a nação peruana marcada por disputas internas.

Palavras-chave: *Confesiones de Tamara Fiol*; Miguel Gutiérrez; memória; conflito armado interno.

Introdução

O lançamento do romance *Confesiones de Tamara Fiol* foi aguardado com grande expectativa por público e crítica em 2009, segundo resenha de Abelardo Sánchez León. Sob o selo internacional da editora *Alfaguara*, essa ficção de Miguel Gutiérrez (Piura, 1940 – Lima, 2016) causou essa comoção por duas razões. A primeira devido à importância de sua produção que abarca tanto a literatura², como crônicas sociais e ensaios³, e, a segunda, porque Gutiérrez compreenderia como poucos o que seria a esquerda peruana, haja vista, por exemplo, o seu reconhecido trabalho *La generación del 50: un mundo dividido* (1988). Para

¹ Professora Adjunta da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), do Departamento de Letras. Doutora em Letras (Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Literatura Hispano-americana) pela Universidade de São Paulo (USP). Contato: abmartinez08@gmail.com

² Citamos *El viejo saurio se retira* (1969), *Hombres del camino* (1988), *La violencia del tempo* (1991), *La destrucción del reino* (1992), *Babel, el paraíso* (1993), *Poderes secretos* (1995), *El mundo sin Xóchitil* (2001).

³ De sua vasta publicação mencionamos: *Celebración de la novela* (1996), *Los Andes en la novela peruana actual* (1999), *La invención novelesca* (2008).

Sánchez León, essa posição privilegiada do escritor permitiria observar por outros ângulos essa história política nacional com “(...) sus escisiones, sus pugnas, sus posiciones ideológicas confrontadas, que culminaron, hace algunos años, en la formación del ala pekinesa dura, el maoísmo, en Bandera y Patria Roja, en fin, en Sendero Luminoso.” (SÁNCHEZ, 2009, p.1)⁴. A disputa política que se travou entre as forças armadas e policiais do Estado e os membros ativistas do *Partido Comunista Peruano– Sendero Luminoso* (PCP-SL), entre os anos de 1980 à 2000, constitui-se apenas um capítulo de um longo enfrentamento entre governos democráticos e militares que, desde a Proclamação da Independência do Peru (julho de 1821), se alternam no poder.

Em suas reflexões acerca das consequências desses governos militares, Herbert Morote (2013, p.11) expõe que o Peru, apesar de seus vários séculos⁵, renuncia a sua pluralidade étnico-cultural e vive sob um centralismo opressor e autoritário. Tais governos se negariam a reconhecer suas diferenças e, na maior parte dos casos, atuam como uma força do Exército, acrescenta o autor em *El militarismo en el Perú*. O conflito armado que se deu nas últimas décadas do século passado iniciou-se na vigência do Estado democrático, sob a presidência de Fernando Belaúnde (1980-1985)⁶. Todavia, apesar de existirem processos eleitorais democráticos, segundo Jo-Marie Burt (2011, p.32), boa parte do território nacional estava sob intensa vigilância e controle militar, sendo esses espaços conhecidos como zonas de emergência. Por sua vez, Lucero de Vivanco (2019, p. 269), a partir de dados da *Comisión de Verdad y Reconciliación* (CRV)⁷, acrescenta que essa guerra atingiu mais fortemente as comunidades empobrecidas do país, como os *quéchua* e os *asháninka*, de modo que seria possível compreender que essa violência reproduziu (e tornou mais evidente) a desigualdade e a exclusão que marcam a sociedade peruana.

Com o romance *Confesiones de Tamara Fiol*, Gutiérrez se soma a uma centena de escritores nacionais que se voltam para seu passado mais recente e que buscam compreender

⁴ Tradução livre nossa: “(...) com suas exceções, suas disputas, seus posicionamentos ideológicos em confronto, que culminaram, há alguns anos, na formação da ala dura de Pequim, do maoísmo, em uma Bandeira e Pátria Comunista, enfim, em Sendero Luminoso.”

⁵ Importante assinalar que em seu pensamento crítico, o autor considera a existência do Peru antes da chegada do colonizador europeu, ou seja, ressalta a importância das várias comunidades indígenas no país.

⁶ Nesse contexto histórico o Peru teve mais dois presidentes eleitos: Alan García (1985-1990) e Alberto Fujimori (1990-1992). Esse último, em 1992 realiza um autogolpe e permanece no poder até novembro de 2000, quando foge para o Japão e, desse país, encaminha por *fax* a sua renúncia.

⁷ Instituída no Peru pelo Decreto nº 065, em 4 de junho de 2001, sendo o *Informe Final* de 28 de agosto de 2003.

os sentidos e as consequências dessa última guerra interna no Peru. Importante ressaltar que a literatura lançou-se sobre esse delicado tema desde os anos iniciais desse conflito armado. Para se ter uma dimensão desse interesse pelo terrorismo dos últimos decênios do século 20, no campo literário narrativo, Mark R. Cox explicita que “[...] 165 autores han publicado más de 300 cuentos y 65 novelas.” (COX, 2013, p.7749)⁸. Admitindo a arbitrariedade dessa divisão (e de outras), o autor observa que mais da metade dessa produção foi publicada a partir dos anos 2000. Assim, Cox apresenta em seu estudo três períodos dessa literatura, a saber: 1) até 1992 quase todas as obras são de escritores andinos peruanos; 2) entre 1992 e 1999 aparecem escritores afiliados em correntes hegemônicas, entre esses, cita Mario Vargas Llosa e Alonso Cueto, e 3) desde os 2000 há uma multiplicidade de autores e grupos que disputam por definir a narrativa dessa guerra e quais são seus escritores mais representativos. Em outras palavras, é possível pensar que nessas narrativas, na configuração estética que dialoga com a política, haveria uma disputa por essa memória do conflito armado interno, na medida em que apresentam uma pluralidade de olhares sobre a ação passada, cada qual escrutinando suas perspectivas acerca de uma guerra de extrema violência que, segundo *Informe final da Comisión de la Verdad y Reconciliación (CRV)*, estima-se que:

Si bien la CVR ha recibido reportes de 23,969 peruanos muertos o desaparecidos, los cálculos y las estimaciones estadísticas realizadas nos permiten afirmar que la cifra total de víctimas fatales del conflicto armado interno superaría en 2.9 veces esa cantidad. Aplicando una metodología llamada *Estimación de Múltiples Sistemas*, la CVR ha estimado que el número total de peruanos que pudieron haber muerto en el conflicto armado interno es de 69,280 personas. (*Informe I*, 2003, p.53, grifo do texto)⁹

⁸ Tradução livre nossa: “(...) 165 autores publicaram mais de 300 contos e 65 romances.”

⁹ Tradução livre nossa: “Apesar da CRV ter recebido relatórios de que 23, 969 peruanos estejam mortos ou desaparecidos, os cálculos e estimativas estatísticas realizadas nos permitem afirmar que a cifra total de vítimas fatais do conflito armado interno superaria em 2.9 essa quantidade. Aplicando uma metodologia das *Estimativas Múltiplos Sistemas*, a CRV estima que o número total que podem ter morrido no conflito armado interno é de 69, 280 pessoas.”

Nesse cenário, Cox traça algumas dessas representações realizadas por militares¹⁰, presos e ex-presos¹¹, o grupo cultural *Ave Fénix*¹² e o grupo literário *Nueva Crónica*¹³. O interesse por essa tópica nessas obras literárias e em outros campos artísticos e de conhecimento, igualmente pode ser associado com o contexto de redemocratização a partir da eleição de Alejandro Celestino Toledo Manrique (Cabana, Ancash, 1946), em julho de 2001. Isto porque, com vistas a um projeto de futuro nacional, esse governo reconheceu que não podia ignorar a extrema violência vivenciada no passado recente. Dessa forma, o sentimento de dever e de justiça seriam tarefas que se impõem à nação para esclarecer os traumas sofridos (e, quiçá, superá-los), para compreender suas razões, reconhecer seus atores e vítimas e, também, restaurar no âmbito da lei, responsabilidades por tais delitos contra a sociedade. A instalação da CRV foi um passo importante dessa redemocratização e, ao mesmo tempo, para a construção da memória nacional, apesar das polêmicas e dos questionamentos de várias ordens que circunscrevem esses trabalhos e seus resultados¹⁴.

Em seu estudo sobre a produção literária peruana em torno desse conflito armado, Cox acrescenta que, apesar das diferenças que circunscrevem o campo extraliterário desses vários autores – como o contexto de produção, distribuição e recepção de suas obras – o fato de que realizem uma perspectiva “*desde dentro*” é positiva porque:

[...] revelan un mejor conocimiento del PCP-SL, sus acciones y la forma en que captaron adherentes para su organización. Más allá de si uno está o no de acuerdo con los autores, estas obras de ficción son de gran ayuda para una mejor comprensión de la historia del Perú en el difícil pasaje de la guerra interna. (COX, 2013, p.464)¹⁵

¹⁰ Como exemplo cita Samuel Cavero e sua obra *Un rincón para los muertos* (1987).

¹¹ Exemplos *Rejas tras rejas* (2001), de Luis Moncada Rojas, e *De punto e letra* (2009), de Walter Villanueva Azaña.

¹² Menciona o livro de contos *Histórias de Montada* (2006), de Manuel Marcazzollo Molero.

¹³ Cita a coletânea de contos de vários autores *Camino de Ayabamba y otros relatos* (2007).

¹⁴ Segundo estudo de Victor Vich, muitos meios de comunicação e setores conservadores: “[...] insisten en desprestigiar el *Informe Final* – sin haberlo leído – y sostienen que solo un discurso abocado en el futuro (en la promesa de la globalización capitalista) puede reconciliar a todos los peruanos.” (VICH, 2015, p.76)

¹⁵ Tradução livre nossa: “[...] revelam um melhor conhecimento acerca do PCP-SL, suas ações e a forma como conquistaram adeptos para a organização. Para além se alguém está de acordo com os autores, essas ficções são de grande ajuda para uma melhor compreensão da história do Peru e de sua difícil passagem para uma guerra

A literatura promove, por meio de sua linguagem simbólica, de sua construção verbal de sentidos, rotas para entender o caos originado por uma disputa de poder entre o Estado e os grupos armados. E, como há uma multiplicidade de olhares sobre essa ação que submeteu a sociedade à extrema violência (desde vítimas, policiais, militares e ativistas senderistas) nessas produções, as possibilidades de entendimento dessa disputa se ampliam, bem como sobre os impactos dessa guerra e sua durabilidade na nação.

As memórias de Tamara Fiol

Realizada essa breve apresentação acerca da literatura peruana dos últimos decênios que traz a guerra interna como tópica central, reconhecemos que a perspectiva encontrada por Gutiérrez de narrar a história do *Sendero Luminoso* pelo viés da luta armada, dando voz à personagens ativistas – como é o caso da protagonista que intitula o romance – foi traçada por outros autores. Entretanto, dois aspectos que, talvez, podemos apontar que se destacam em *Confesiones de Tamara Fiol* seriam, primeiro, o narrador estrangeiro que tenta investigar a participação das mulheres no grupo *Sendero Luminoso* – a fim de realizar a sua crônica *Las mujeres del Sendero* – e, segundo, que essa guerra interna serve de ponto de partida para uma discussão muito mais ampla (e, por isso, mais complexa) de uma história de luta armada de políticas sociais no país com os governos vigentes. Mediando esses olhares e essas vozes, está justamente o estrangeiro, o *Outro*, que por várias vezes expressa a necessidade de manter a ética de repórter que cobre guerras – no sentido de buscar a neutralidade em sua pesquisa jornalística – mas que descobre que esse preterido distanciamento é questionável, conforme seu relato confessional:

[...] con Tamara Fiol yo arrié todas mis defensas, en parte por su vida y encanto personal que me cautivaron y en parte porque sin darme cuenta en el desarrollo del

interna.”

asunto me había adentrado por territorios distintos a los de la crónica y el reportaje. (GUTIÉRREZ, 2009, p.2774)¹⁶

Diante dessa revelação do narrador descobrimos que, ao invés de publicar uma crônica sobre a personalidade entrevistada, Morgan Bartres decide pela publicação de um romance, que leva o mesmo título da ficção de Gutiérrez e apresenta a mesma capa, o retrato da entrevistada em seus anos de juventude, ou seja, antes do acidente de automóvel que a deixa com sequelas físicas. Para além de uma alusão à metalinguagem, essa composição da trama e da escrita do romance igualmente assinalariam para a difícil distinção entre o privado e o público, na medida em que esses sujeitos entrevistados por Bartres têm as suas vidas transformadas pela história da nação, sejam como protagonistas, sejam como vítimas. As memórias individuais desses sujeitos englobariam, desde esse ponto de vista, a memória coletiva de um tempo de extrema agressividade política nacional. Entre afetos, amores e sentidos de pertença a um grupo (como, por exemplo, o envolvimento com a luta armada de esquerda), os entrevistados constroem um imaginário que sustenta uma leitura do passado, sendo esse tempo concebido como histórico e compartilhado por uma consciência comum entre eles. Em *Los trabajos de la memoria* (2002), Elizabeth Jelin explana que um dos papéis primordiais da memória, enquanto mecanismo cultural, seria:

[...] fortalecer el sentido de pertenencia a grupos o comunidades. A menudo, especialmente en el caso de grupos oprimidos, silenciados y discriminados, la referencia a un pasado común permite construir sentimientos de autovaloración y mayor confianza en uno/a mismo/a y en el grupo. (JELIN, 2002, p.9-10)¹⁷

¹⁶ Tradução livre nossa: “[...] com Tamara Fiol todas as minhas defesas caíram, em parte porque sua vida e encanto pessoal me cativaram e, também, porque sem me dar conta no desenvolvimento do assunto fui entrando em territórios distintos dos da crônica e da reportagem.”

¹⁷ Tradução livre nossa: “[...] fortalecer o sentido de pertença a um grupo ou comunidades. Frequentemente, em especial no caso de grupos oprimidos, silenciados e marginalizados, a referência a um passado comum permite construir sentidos de auto valorização e maior confiança em si próprio e no grupo.”

Tal pensamento viabiliza uma leitura do romance que sinaliza, por um lado, que a violência coloca em tensão as relações identitárias dos sujeitos narrativos com seu lugar de origem, por outro, que o relato da memória seria o responsável pela organização das experiências passadas e, ao mesmo tempo, da própria ideia de grupo, de pertencimento a um imaginário coletivo. As fraturas oriundas dos tempos violentos associam essas memórias a experiências vividas que, por sua vez, culminam em questionamentos de várias instâncias, tais como as possíveis relações desses sujeitos com uma ideia de nação, seus sentidos de pertencimento a uma comunidade, seus vínculos com as instituições (sociais e políticas), as relações com o poder, suas formas e seu reconhecimento social.

Em seu estudo sobre a memória coletiva, Michael Pollak pondera que, definidos os indicadores de referências e o grupo que articula sentidos a essas ações vividas, essa memória pode ser interpretada como uma abordagem que assume estruturas, hierarquias e classificações que “[...] fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais”. (POLLAK, 1989, p.3). Em outras palavras, em narrativas da memória é permitido pensar as posições assumidas, os limites e as ranhuras na construção das identidades e dos relatos comuns, principalmente, naqueles que desestabilizam os discursos oficiais da história da nação. Nesse mesmo horizonte de discussão sobre a memória, Jelin explicita que:

[...] es imposible encontrar *una* memoria, una visión y una interpretación únicas del pasado, compartidas por una sociedad. Pueden encontrarse momentos o períodos históricos en que el consenso es mayor, en los que un <libreto único> del pasado es más captado o aún más hegemónico. Normalmente ese libreto es lo que cuentan los vencedores de conflictos y batallas históricas. Siempre habrá otras historias, otras memorias e interpretaciones alternativas, en la resistencia, en el mundo privado, en las <catácumbas>. (JELIN, 2002, p.5-6, grifos da autora)¹⁸

¹⁸ Tradução livre nossa: “(...) é impossível encontrar uma memória, uma visão e uma interpretação únicas do passado, compartilhadas por uma sociedade. É possível encontrar momentos ou períodos históricos em que há um consenso maior, em que o <libreto único> do passado é mais apreensível e mais hegemônico. Normalmente esse libreto nos contam os vencedores dos conflitos e das batalhas históricas. Sempre haverá outras histórias, outras memórias e interpretações alternativas, que resistem, no mundo privado, nas <catácumbas>”.

O romance de Gutiérrez traz em sua configuração essas outras perspectivas sobre o passado nacional. Na obra, o olhar sobre a guerra interna é narrado nas entrevistas e memórias de vários personagens ao repórter Morgan e, desde seus pontos de vista, sabemos as razões de seus envolvimento com a luta social, ou seja, os motivos da disputa política do conflito armado que protagonizaram (e que, ao mesmo tempo, são suas vítimas). De maneira que essas memórias narram a história política nacional e, ao fazê-lo, oferecem outras versões que não estão contidas na historiografia oficial. Enquanto discursos que realizam uma leitura de experiências vividas, tais memórias não ocultam suas subjetividades e que são questionáveis. Isto é, os enunciados em primeira pessoa no romance são interpretações pessoais de si mesmos nesses momentos decisivos do passado nacional peruano, levando-nos, assim, a indagar sobre os limites dessas construções do passado, como, por exemplo, o quanto que há de imaginação particular nessa (re)construção de uma guerra interna em desenvolvimento.

As memórias de Tamara Fiol, nessa esteira de interpretação, também reivindicam outros sentidos que os promulgados por outros discursos (como os realizados por outras mulheres e por dois livros que teriam um viés biográfico sobre Tamara), na medida em que ao apresentar essas versões, também as questiona, como, por exemplo, as publicações em jornais lidos como reacionários:

[...] Las cosas que me inventaron. Dijeron que era una libertina, una manera hipócrita de decirme puta. Viejos apristas en diferentes publicaciones recordaron mi pasado. Rabanita, Tamara, la roja, la conocida dirigente comunista del movimiento estudiantil, implicada en el asesinato de un brillante estudiante aprista en 1963. (GUTIÉRREZ, 2012, p. 206)¹⁹

Para cada uma dessas visões acerca de si, Tamara Fiol constrói outros significados, como o fato de se entender como uma mulher que, sobretudo, almejava alcançar uma liberdade, mas que se interroga sobre os sentidos dessa liberdade e das implicações e consequências dessa busca pessoal ao longo de sua vida:

¹⁹ Tradução livre nossa: “(...) As coisas que inventaram sobre mim. Disseram que era uma libertina, uma maneira hipócrita de me chamar de puta. Velhos apristas em diferentes publicações recordaram meu passado. *Rabanita*, Tamara, a vermelha, a conhecida líder comunista do movimento estudantil, envolvida no assassinato de um brilhante estudante aprista em 1963.”

[...] ¿Esta era la libertad que yo quería para mí? ¿Solo se puede ser libre en la marginalidad? ¿La libertad es un fin en sí mismo? ¿Se puede reducir la libertad al goce de los sentidos? ¿O la soberanía del yo significa estar allá del todo deber? (GUTIÉRREZ, 2012, p.1313)²⁰

Essa atitude interpelativa é uma constante na protagonista, seja em relação às experiências passadas, seja em relação as presentes, como a própria entrevista cedida a Bartres. Tais questionamentos igualmente apontam que seu passado não se constitui em uma ação livre de revisão e, portanto, não pode ser concebido como imutável. Ao contrário. O enunciado memorialístico de Tamara solicita uma construção de sentido que leve em consideração o seu amadurecimento pessoal, feminino e a sua crença na necessidade da revolução social. Diante dessa leitura, compreendemos que seu discurso memorialístico não se trata de uma mera reprodução do passado. Ademais, o fato de que sua memória esteja narrada pelo ponto de vista do *Outro*, no caso, do jornalista, nos faz interpretar que a construção do romance dessa guerra interna no Peru impugna uma visão homogênea e interna sobre essa experiência coletiva. Em outras palavras, esse conflito armado no romance é narrado desde várias perspectivas, cruzando também a discussão entre o discurso íntimo, confessional e memorialístico, com o histórico, o político e a crônica jornalística.

Em relação à composição da trama, é preciso observar que uma das imposições que Tamara fez ao repórter, já no primeiro encontro entre ambos no bar Américo, foi da proibição de gravadores. Bartres, na ocasião, se compromete a não gravá-la, entretanto, no desenrolar de seu relato, sabemos que descumprir esse acordo. Tal ação do repórter, por mais que apresente suas justificativas (como o fato de que se tratam de “discursos muito ricos de informações”), coloca em cheque sua credibilidade ao leitor. Afinal, se Morgan pôde mentir para Tamara, enganá-la no uso do gravador em suas conversas telefônicas, quais são os outros subterfúgios encontrados por esse narrador para realizar o relato? A pretensa atitude ética, neutra, ao fazer a cobertura de guerra e entrevistar seus protagonistas e suas vítimas é, no mínimo,

²⁰ Tradução livre nossa: “Era esta liberdade que eu queria para mim? Só é possível ser livre estando à margem? A liberdade é um fim em si mesma? É possível reduzir a liberdade ao gozo dos sentidos? Ou a soberania do eu significa estar além de todo dever?”

questionável²¹. Igualmente isto significaria que o seu relato não se distancia tanto assim do relato de um escritor, ou seja, é possível ler as suas memórias sobre Tamara Fiol pautada por uma subjetividade que extravasa a neutralidade da crônica preterida sobre o *Sendero Luminoso* e as ativistas guerrilheiras.

A escolha de Tamara Fiol como a protagonista dessa história da esquerda peruana não é ao acaso para Bartres. Afinal, desde o avô paterno, Ramiro ‘Garibaldi’ Fiol – chamado pela neta como “*el Gran Viejo*” – a família de Tamara está envolvida com a luta social, de maneira que a trama do romance passa pelo *aprismo*, pelo *anarquismo*, pelo *anarcosindicalismo*, pelo *fujimorismo*. Em cada um desses momentos da esquerda peruana pulsavam o anseio pela revolução social onde haveria a constituição de um Estado justo e soberano para todos²², em confronto com os governos vigentes. Esse sentimento é compartilhado por outros entrevistados por Bartres, que na tessitura do romance estão constituídos entre personalidades históricas (como o escritor César Aira Sotomayor) e ficcionais. Tamara, herdeira de uma família de esquerda, se envolve desde cedo com essas políticas e ideologias, conforme relata a protagonista para Morgan por telefone e que está transcrita na obra:

TF: Como cualquier persona que tiene un mínimo de decencia yo deseaba un orden social justo para mi país y el mundo. Esto, Morgan, lo tenía perfectamente claro y lo sentí en mí corazón, aun antes de leer ningún libro marxista. (GUTIÉRREZ, 2012, p.22).²³

Os anos vividos na Universidade de *San Marcos* foram fundamentais para o envolvimento de Tamara com a luta armada. Igualmente foi nesse período de sua juventude que usufruiu de sua liberdade sexual. Nesse período gozou de relacionamentos com diversos parceiros, chegou a realizar aborto e estabeleceu afetos que perduram até o tempo presente da entrevista, como sua amizade com Pepe Corso. No passado, entretanto, foi o seu

²¹ Essa é uma desconfiança que Tamara já havia expressado ao repórter quando, na ocasião, indagou se confiava em si: “¿Cómo confiar en un periodista? Quiero decir, como confiar *plenamente* en un periodista. Siempre que he podido me he negado a dar declaraciones a la prensa.” (GUTIÉRREZ, 2012, p.144, grifo da obra)

²²Haja vista, por exemplo, a memória da protagonista em torno do avô paterno, após um encontro com González Prada: “[...] Garibaldi no creía en la destrucción del Estado, sino que la lucha por la libertad debía unirse a la lucha por la independencia de las naciones y la construcción de un Estado justo y soberano.” (GUTIÉRREZ, 2012, p. 524)

²³ Tradução livre nossa: “TF: Como qualquer pessoa que tem o mínimo de decência eu deseja uma ordem social justa para meu país e o mundo. Isto, Morgan, tinha perfeitamente claro e a senti em meu coração, antes de ler a qualquer livro marxista.”

envolvimento com Raúl Arancibia que a submeteu a uma experiência de sujeição e de violência que, até então, desconhecia: “[...] Y así se inició un nuevo período en nuestras relaciones. El insulto, la estigmatización verbal. Me llamaba perra, zorra o puta y yo le replicaba.” (GUTIÉRREZ, 2012, p.3892)²⁴. Para os amigos e conhecidos mais próximos de Tamara, seu relacionamento com Arancibia caracterizou-se como um dos piores momentos de sua vida, posto que o sujeito era maldoso, violento e grosseiro. Quando assassinado, as suspeitas de sua morte recaem sobre Tamara, contudo, a justiça jamais consegue provar sua responsabilidade no ato.

Na narrativa de Gutierrez, contudo, não há implicação direta entre a luta armada da protagonista com seu relacionamento violento com Arancibia. Em suas memórias narradas para Bartres sobre essas experiências, existiria ações simultâneas: ao mesmo tempo em que se depara com um relacionamento íntimo perturbado, intenso e violento, buscava soluções alternativas às do Estado para ter uma sociedade peruana mais justa desde seu ponto de vista.

Esses vários momentos da história da esquerda no país são igualmente relatados por outros personagens, como o material gravado de Raúl Arancibia que Morgan compra de Nelson Bracamonte, e mesmo por Pepe Corso (que também sofreu a experiência do exílio). O modo como Morgan apresenta essa enunciação plural na trama é variado, além do discurso memorialístico de Tamara, há a gravação e transcrição de suas conversas telefônicas²⁵, entrevistas, narrações sobre o avô e sobre o pai de Tamara, gravações parciais de Arancibia.

Algo que se destaca nesses vários relatos sobre a luta armada nesses anos de guerra interna – insistimos, mediados pelo narrador personagem Morgan Bartres – é o recurso da violência como estratégia política. Em outras palavras, não só o Estado usa da força como um modo de autoridade e homogeneidade política no país, mas também os movimentos sociais de esquerda que se contrapõem a essa ordem instituída. Nesse sentido, a violência abordada na trama de Gutiérrez, muito mais intrincada e complexa em seus matizes, corresponderia a um

²⁴ Tradução livre nossa: “(...) E assim iniciou-se um novo período em nosso relacionamento. O insulto, a sujeição verbal. Me xingava de cadela, *zorra* ou puta e eu contestava.”

²⁵ Importante destacar que, em determinado momento, a fita cassete é corrompida e, segundo o narrador Morgan, o restante do relato se faz de acordo com suas memórias. Essa confissão do narrador coloca em cheque que a transcrição das conversas telefônicas sejam somente de Tamara.

comportamento cultural enraizado. Em seus estudos sobre a violência na América latina, Bolívar Echevarría propõe que:

El tema de la violencia en política se ha vuelto ineludible a comienzos del siglo XXI, sea que se trate de la violencia monopolizada por el Estado moderno, y empleada por él – el mismo en el sentido liberal que en sentido totalitario – para reproducir su constancia oligárquica, o sea que se refiera a la contra violencia, a la violencia de las fuerzas sociales que responden a la primera en nombre de la posibilidad de un Estado alternativo, realmente democrático. (ECHEVARRÍA, 2006, p.3)²⁶

Para o autor, a violência do Estado e a contra violência dos grupos insurgentes a essas políticas tornam essas disputas extremas indispensáveis ao pensamento crítico, na medida em que as sociedades latino-americanas não conseguem se desvencilhar desse histórico que, por sua vez, condena esses países a uma modernidade não concretizada em sua plenitude e a sistemas democráticos com muitas deficiências em sua constituição.

Em *Confesiones de Tamara Fiol*, enviado a cidade de Lima em meados da década de 90 do século passado, Morgan Bartres é testemunha ocular do desenvolvimento desse conflito armado, haja vista que passa por zonas de emergência, toques de recolher e explosões de bombas. Também viaja a outras regiões, como *Ayacucho*, a fim de ter uma ideia mais precisa do impacto dessa guerra interna no país. Com ampla experiência em cobrir guerras – como da Bósnia e da Iugoslávia – o relato de Bartres permite associar todos esses conflitos como de grande impacto sobre suas populações e, ao mesmo tempo, coloca a guerra armada do Peru no mesmo patamar de violência e caos para suas populações como as estrangeiras. Especificamente em seu relato sobre o conflito armado interno, seu discurso permite compreender que a sociedade se vê refém (por mais que, às vezes, tente reagir) ao

²⁶ Tradução livre nossa: “O tema da violência na política se tornou inevitável nesse começo do século XXI, seja da violência monopolizada pelo Estado moderno, e empregada por ele – tanto no sentido liberal como no sentido totalitário – para reproduzir sua permanente oligarquia, ou seja naquela que se refere à contra violência, a violência das forças sociais que respondem a primeira em nome da possibilidade de um Estado alternativo, realmente democrático.”

enfrentamento entre as forças militares do Estado e as dos ativistas de *Sendero Luminoso*: “[...] Una guerra que comprendí, poco después, había entrado en una nueva y decisiva fase con la formación de las rondas campesinas para combatir a Sendero Luminoso.” (GUTIÉRREZ, 2012, p. 2525).²⁷

Em suas entrevistas com as mulheres que pertencem ao PCP-SL, seus discursos explicitam que estão dispostas à enfrentar as consequências da luta social armada, como a prisão e a interrupção de uma vida privada. Todavia, nesses mesmos discursos cedidos a Bartres, as senderistas argumentam que não devem ser consideradas de modo distinto, conforme declara Elvia, na prisão de Campo Grande:

[...] En primer lugar declaro como una cuestión de principios: los militantes del partido eran revolucionarios dispuestos a entregar sus vidas por la revolución, pero no eran ni santos ni ascetas ni habían hecho votos de castidad y aunque la podrida prensa reaccionaria afirmara lo contrario, ellas (ya para hablar del caso de las mujeres comunistas) amaban la vida y la disfrutaban como cualquier ser humano de la fiesta y la alegría. (GUTIÉRREZ, 2012, p.3843).²⁸

A visão rejeitada por Elvia – e também por Tamara Fiol – se contrapõe a visão daqueles que interpretam a militância armada com um sentido de herói, ou seja, do sujeito que está disposto a perder a sua vida, a se sacrificar sem limites, para defender uma causa social. Dito de outro modo, essa militância, segundo discurso de Elvia, de Tamara Fiol, de Imperatriz, não seria romantizada, épica, mas sim humana. A partir dessas reflexões contidas nessas memórias de suas experiências com a luta armada, a violência não é concebida sem antagonismos, ambiguidades e conflitos. Sob esse viés, se a violência política foi uma

²⁷ Tradução livre nossa: “Uma guerra que compreendi, pouco depois, que tinha entrado em uma nova e decisiva fase com a formação de comunidades rurais para combater ao Sendero Luminoso.”

²⁸ Tradução livre nossa: “(...) Em um primeiro momento declarou como uma questão de princípios: os militantes do partido eram revolucionários porque estão dispostos a entregar suas vidas pela causa, mas não eram santos nem ascetas nem haviam feito votos de castidade, ainda que tenha sido essa a afirmação da imprensa reacionária, elas (falando do caso das mulheres comunistas) amavam a vida e a disfrutavam como outro ser humano normal, com festa e alegria.”

estratégia usada para combater a violência imposta pela oligarquia e pela homogeneidade do Estado peruano, essa é interpretada por seus protagonistas como uma ação que causa sofrimentos e traumas, mas que também é preciso encontrar modos de seguir com a vida, conforme declara Tamara Fiol ao repórter narrador: “(...) La vida proseguía, me dijo, y a la mujer que nos sirvió los humeantes platos de caldo de cabeza de carnero con exquisito mote le habían matado a dos de sus hijos.” (GUTIÉRREZ, 2012, p. 193).²⁹

Diante dessa composição da trama, podemos pensar que o tema da violência política é abordado com complexidade e sem dar margem a uma leitura que a distancie do pensamento crítico constante. Assim, o romance interpela essa violência nas várias vozes que são mediadas por Morgan Bartres. A escolha do passado recente, por meio de tantos personagens, de suas experiências de vida, configura o conflito armado interno desde um horizonte ampliado e, para alguns críticos da obra de Gutiérrez, totalizador, onde os antagonismos e as contradições também se fazem presente.

Isto significa que o discurso da memória de Tamara Fiol, bem como de outros tantos personagens, incluindo o do próprio narrador, não está isento de dúvidas nessa trama. Conforme expusemos, diante dessa proposição narrativa, a memória se oferece como um enunciado que, para além de uma presentificação das ações vividas, é erigido com interrogantes. Ou seja, o passado nessa narrativa não se apresenta como tábula rasa, mas como um momento de questionamentos, de objeções. E é justamente a escrita dessas memórias, ainda que seja na forma de romance (uma vez que o repórter abdica da crônica sobre Tamara Fiol), que faz com que essas questões tenham vigência e possibilitem construir futuros que superem esse estado político conflituoso.

Essa interpretação se faz presente nos estudos de Victor Vich ao se voltar para produções artísticas peruanas recentes que:

[...] optan por aceptar la incertidumbre de algo que efectivamente está muerto, pero cuyos restos todavía perturban y necesitan de nuevas preguntas que abran una disyunción política en el presente. (VICH, 2015, p. 3186).³⁰

²⁹ Tradução livre nossa: (...) A vida prosseguia, me disse, e a mulher que nos serviu caldos fumegantes de cabeça de carneiro com delicioso mote, teve dois de seus filhos mortos.”

³⁰ Tradução livre nossa: Optam pela incerteza de que algo efetivamente está morto, uma vez que seus restos perduram e necessitam de novas perguntas que abram uma disjunção política no tempo presente.

A dúvida presente em relação ao passado nacional peruano reside no fato de que, se não devidamente compreendida as causas de sua guerra e de seu alcance sobre suas comunidades, pode fazer com que seus traumas não sejam superados e, pior, que essa violência se repita na sociedade. Nesse viés, os questionamentos em torno do passado recente são cruciais para promover um tempo presente distinto.

Considerações finais

O romance *Confesiones de Tamara Fiol* nos permite compreender algumas das causas que motivaram o conflito armado interno peruano recente, bem como as razões pelas quais é necessário superá-lo, posto que seus protagonistas têm suas vidas impactadas com essa disputa: lesões físicas (Tamara Fiol), mortes violentas (Raúl Arancibia), prisões (Elvia), exílio (Pepe Corso). As memórias desses personagens, em destaque de Tamara Fiol, apontam para a continuidade/permanência desse passado em seu tempo presente, ou seja, a protagonista não consegue se libertar dessas experiências vividas que são privada e pública, política e histórica. Entretanto, sua construção memorialística interpela esse passado e, desde essa perspectiva, impugna uma visão petrificada desses acontecimentos. E, como Morgan Bartres é o narrador que articula essas memórias, podemos ler na configuração do romance de Gutiérrez uma visão multifacetada desse conflito armado interno.

Referências Bibliográficas

BURT, Jo-Marie. *Violencia y autoritarismo en el Perú: bajo la sombra de Sendero y la dictadura de Fujimori*. Lima: IEP; Asociación Ser, Equipo Peruano de Antropología Forense, EPAF, 2011.

COMISIÓN DE LA VERDAD Y RECONCILIACIÓN. *Informe Final*. Disponível em: <<http://www.cverdad.org.pe>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

COX, Mark R. “Narrativas “desde adentro” en la guerra interna peruana: presentación y balance”. In: DE VIVANCO, Lucero (Org.). In: *Memorias en tinta. Ensayos sobre la*

representación de la violencia política en Argentina, Chile y Perú. Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2013. p. 7748-8040. [eBook]

DE VIVANCO, Lucero. Interrumpir las “certezas” de la memoria. Conversación con José Carlos Agüero. In: *Meridional Revista Chilena de Estudios Latinoamericanos*. Chile. Número 12, abril-sept. 2019. p. 269-284.

ECHEVARRÍA, Bolívar. *Vuelta de Siglo*. México: Ediciones Era, 2006. [eBook]

GUTIÉRREZ, Miguel. *Confesiones de Tamara Fiol*. Lima: Ediciones Santillana, 2012. [eBook]

JELIN, Elisabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Ediciones Siglo XXI, 2002.

MOROTE, Herbert. *El Militarismo en el Perú. Un mal comienzo (1821-1827)*. Lima: Editorial Jaime Campodónico, 2013. [Arquivo eletrônico em pdf].

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio.” In: *Estudos Históricas*. Tradução de Dora Rocha Flaksman. Rio de Janeiro, v.2, nº 3, 1989. pp.3-15.

SANCHEZ LEÓN, Abelardo. *Confesiones de Tamara Fiol*. Disponível em: <<http://www.desco.org.pe/recursos/sites/indice/772/2217.pdf>> Acesso em 20 de dez.2018.

VICH, Victor. *Poéticas del duelo. Ensayos sobre arte, memoria y violencia política en el Perú*. Lima: IEP, 2015. [eBook].

Las memorías de Tamara Fiol

Resumen: El presente trabajo propone una interpretación acerca de las memorias de Tamara Fiol en la novela *Confesiones de Tamara Fiol* (2009), del escritor peruano Miguel Gutiérrez. En ese enredo, el discurso de la memoria emprendido por la protagonista es mediado por el narrador Morgan Scott Bartres, un reportero extranjero, enviado al Perú en el inicio del decenio de los 90, para escribir acerca del conflicto armado interno (1980-2000). En su investigación de reportero de guerra, Morgan cruza las memorias de Tamara con las propias, entrevista a otros personajes, promoviendo, de esa manera, una escrita que se configura desde lo individual y lo colectivo, lo político y lo histórico. Así, comprendemos que los sentidos atribuidos a los tiempos pasado y presente en la novela son construcciones discursivas que interpelan la violencia política-social y los sujetos que coexisten en la nación peruana marcada por los enfrentamientos internos.

Palabras-clave: *Confesiones de Tamara Fiol*; Miguel Gutiérrez; memoria; conflicto armado interno.